

## URBANO, VIDA COTIDIANA E TRABALHADORAS: O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NOS CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM GOIÁS

### *Eixo Temático 33 – Sobre as Múltiplas Violências contra Mulheres e o Feminicídio: Políticas Públicas de Prevenção e Enfrentamento*

Eduarda de Araújo França <sup>1</sup>  
Carmem Lúcia Costa <sup>2</sup>

#### **RESUMO**

O presente trabalho tem como intuito analisar o impacto da pandemia de Covid-19 nos casos de violência contra mulheres no estado de Goiás, tendo como recorte temporal os anos de 2019 a 2022. A partir de um levantamento bibliográfico sobre as categorias gênero, mulheres, trabalho e violência, buscou-se investigar a relação entre o cenário pandêmico e o aumento no número de casos de violência contra mulheres durante a pandemia, com o agravamento da feminização da pobreza. Através da coleta e análise de dados junto à Secretaria de Segurança Pública de Goiás (SSP-GO), IBGE e outras fontes secundárias, constatou-se que as políticas de isolamento social adotadas nesse período, bem como o crescimento da feminização da pobreza, contribuíram para o aumento da violência contra mulheres.

**Palavras-chave:** Pandemia. Violência contra mulheres. Goiás.

#### **INTRODUÇÃO**

No início de 2020, o cotidiano dos brasileiros – e de todo o mundo – foi reconfigurado pela maior crise sanitária mundial ocorrida no século XXI, em decorrência da propagação do novo coronavírus, causador da Covid-19, que vitimou mais de 600 mil brasileiros. Como efeito da globalização, o vírus se espalhou por todo o mundo, obrigando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar estado de emergência (CAVALCANTE et al, 2020). Diante dessa doença infectocontagiosa de alta gravidade e taxa de transmissão, foram

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão - UFCAT, [eduardafranca@gmail.com](mailto:eduardafranca@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professora do Instituto de Geografia na Universidade Federal de Catalão - UFCAT, [clcgeo@gmail.com](mailto:clcgeo@gmail.com).

implementadas de políticas de isolamento social, as quais escancaram as desigualdades sociais e econômicas do país.

Os impactos da pandemia no Brasil se uniram à crise política vigente desde o Golpe de 2016, em que foram colocadas em prática agendas de desmonte do Estado de bem-estar social, com a necropolítica de desemprego estatal para com as minorias (COSTA, 2021). Além do colapso do sistema de saúde, como consequência de uma crise sanitária, econômica e política, populações que já eram consideradas vulneráveis tornaram-se ainda mais, como exemplos o aumento da população em situação de rua e o aumento da violência contra mulheres (FERREIRA; SILVA; MACHIAVELLI; COSTA, 2020, s/p).

O cotidiano das mulheres foi duramente impactado pelo agravamento de questões como a perda de renda, o aumento do desemprego, a precarização do trabalho, a pobreza, a fome e as desigualdades. Além disso, muitas assumiram não só o trabalho de cuidado com os acometidos pela Covid-19, como também os cuidados com as crianças, com a casa e com a educação dos filhos (LEWIS, 2020; COSTA, 2021).

Nesse viés, a pandemia intensificou as relações patriarcais e evidenciou os pilares da sociedade atual: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado (SANTOS, 2020). Tais modos de dominação sustentam a cultura machista do Brasil, que tem sido fortalecida pelos discursos conversadores que assolam o país. De acordo com hooks (2019, p. 61), “o machismo molda e determina diretamente relações de poder em nossas vidas privadas, em espaços sociais familiares, no contexto mais íntimo (casa) e nas esferas mais íntimas de relações (família).”.

Da mesma forma, Saffioti salienta que as relações desiguais de gênero são profundamente atravessadas por estruturas de poder, o que coloca as mulheres em maior vulnerabilidade à violência de gênero (SAFFIOTI, 2015). Para Bandeira (2014),

A centralidade das ações violentas incide sobre a mulher, quer sejam estas violências físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais, tanto no âmbito privado familiar como nos espaços de trabalho e públicos. [...] a expressiva concentração desse tipo de violência ocorre historicamente sobre os corpos femininos e que as relações violentas existem porque as relações assimétricas de poder permeiam a vida rotineira das pessoas (BANDEIRA, 2014, p. 451).

Em tempos de pandemia, esta realidade se agravou ainda mais, dado que, com a implementação de políticas de isolamento social, milhares de mulheres foram isoladas em suas casas, confinadas com seus agressores e submetidas a um cotidiano violento, frente às dificuldades de denúncia e falta de acesso a redes de apoio (COSTA; OLIVEIRA, 2020). Conforme as autoras, “as mulheres brasileiras estão mais vulneráveis em seu próprio lar do que em ambientes públicos, bem como estão mais sujeitas a violências com pessoas de seu convívio do que com desconhecidos.” (COSTA; OLIVEIRA, 2020, p. 105).

Diante disso, este trabalho teve como objetivo investigar a relação entre a pandemia de Covid-19 e os casos de violência contra mulheres no estado de Goiás, através do levantamento de dados junto à Secretaria de Segurança Pública (SSP-GO) e outras fontes secundárias. A partir do estudo sobre categorias como gênero, mulheres, trabalho e violência, a análise dos dados evidenciou que as políticas de isolamento social adotadas durante a pandemia contribuíram para o aumento da feminização da pobreza e, por consequência, para o aumento da violência contra mulheres. Infere-se, assim, a importância deste estudo em fornecer elementos que ajudem na produção de políticas públicas para as mulheres no estado de Goiás, dentre outras formas de enfrentamento ao processo de feminização da pobreza.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo/quantitativo, cujo caminho metodológico foi construído a partir de um levantamento bibliográfico que aborda as temáticas de gênero, mulheres, trabalho e violência. Para sustentar a discussão de tais temáticas, utilizamos o aporte teórico de autoras como Saffioti (2015), Federici (2017), hooks (2019) e Costa (2021). Além disso, foram utilizados dados coletados em fontes secundárias como Secretaria de Segurança Pública de Goiás (SSP-GO), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), entre outras fontes.

Através da averiguação e reunião de dados, buscou-se identificar o aumento de casos de violência contra mulheres e articulá-lo ao contexto de pandemia de Covid-19, comparando dados do país de antes e durante esse período. Fez-se necessário compreender a relação entre os fenômenos para discutir formas de enfrentamento e produção de políticas públicas. Este estudo está vinculado ao projeto de pesquisa “Urbano, vida cotidiana e trabalhadoras: entre a emancipação e a precarização”, coordenado pela professora Dra. Carmem L. Costa, UFCAT.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Sabendo que a diferença entre raça, classe e a divisão sexual do trabalho são pilares do sistema capitalista, temos que as condições das mulheres inferiorizadas socialmente são necessárias para que o capital prolongue sua lógica. O corpo, primeira máquina produzida pelo capitalismo (FEDERICI, 2017), no caso das mulheres, foi destinado à função de reprodução dos trabalhadores. Dessa forma, tem-se “a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens” (FEDERICI, 2017, p. 26).

Isto explica, historicamente, o fato de o trabalho doméstico e as funções de cuidado serem atribuídos às mulheres, assim, mesmo que as mulheres estejam presentes no mercado de trabalho, sofrem com precariedades, posto que a feminização é utilizada como forma de precarização das condições trabalhistas (COSTA, 2021). No Brasil pré-pandemia, enquanto mulheres realizavam 23,8 horas semanais de trabalho doméstico não remunerado, os homens desempenhavam apenas 12 horas (IBGE, 2019a). No entanto, segundo Federici (2017), o trabalho invisível do cuidado é o principal subsídio à economia, logo, sendo culturalmente destinado às mulheres, em situação de isolamento social, essa carga é aumentada. Além disso, conforme o IBGE (2019), o trabalho informal representa 42% dos empregos das mulheres e 20% dos homens, o que, na pandemia, significou em maior vulnerabilidade para elas, tendo em vista o impacto devastador do desemprego em suas vidas (COSTA, 2021).

Essas condições configuram o aumento da miséria e da pobreza, considerando que grande parte dos lares brasileiros são chefiados exclusivamente por mulheres, sem a presença de um cônjuge. Por outro lado, estar em uma relação com um homem, não diminui a vulnerabilidade das mulheres, pois, conforme Saffioti (2015) e Bandeira (2014), trata-se de relações atravessadas por estruturas de poder, que fomentam a incidência de violência contra mulheres. Nesse cenário da pandemia, para muitas mulheres, ficar em casa significa não só estar isolada, mas estar refém de seu próprio agressor.

No Brasil, os índices de violência doméstica já eram bastante altos antes da pandemia. Conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019, a cada dois minutos uma mulher realiza registro policial por violência doméstica no país (FBSP, 2019). Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde – PNS (IBGE, 2019), os agressores mais citados pelas vítimas foram cônjuge, companheiro(a), parceiro(a) ou namorado(a), incluindo-se casos de ex. Ainda, em 43,0% das respostas das vítimas, a residência foi indicada como local da última ocorrência ou a mais grave, mas este percentual foi diferente entre os sexos, 55,3% para as mulheres e 26,6% para os homens.

A violência contra mulheres no Brasil é um problema latente anterior à pandemia de Covid-19, no entanto, com a implementação do isolamento social, os dados tenderam a aumentar significativamente. Em 2020, como vimos, a fim de evitar a ampla disseminação de coronavírus, a campanha “fique em casa” ganhou força no país, no entanto, para as milhares de mulheres que sofrem violência doméstica, a sua própria casa não é um lugar seguro, conforme a ONU Mulheres (2020) advertiu em um relatório da pandemia.

No estado de Goiás, em 2018, o número de feminicídios foi de 36 casos; em 2019, 40 casos; em 2020, conforme os dados da SSP-GO, o aumento foi de 20%, sendo os mesmos 40

casos apenas entre os meses de janeiro a setembro, com os dados apontando para a pandemia como fato principal desse aumento. Ainda, “9 em cada 10 mulheres vítimas de feminicídio morreram pela ação do companheiro ou de algum parente” (FBSP, 2020, p. 96), o que reforça o argumento da vulnerabilidade feminina no espaço do lar. Ademais, se realizarmos um recorte racial, foi possível perceber que a porcentagem dos homicídios de mulheres negras é maior que as brancas, sendo 67% da porcentagem dos assassinatos e chega a ser 73% em Goiás, em 2019. Isto pois, como aponta Davis (2016), desde o colonialismo até os dias atuais, as mulheres negras ocupam o pior lugar da hierarquia social, de modo que, em uma perspectiva interseccional, estes dados são resultados das desigualdades, violências e vulnerabilidades causadas pelo racismo vigente no país.

Conforme o Anuário de Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2021), cerca de 77,5% dos casos de feminicídio foram cometidos nas residências, confirmando a tese de que estar em casa não é seguro, pelo contrário, é ainda mais perigoso. No Brasil, 55,1% das mortes por feminicídio ocorreram por armas brancas e 26,6% ocorreram por arma de fogo. Em Goiás, segundo relatórios da SSP-GO, houve 54 feminicídios no ano de 2021, todavia, dados de 2022 já registram 30 casos no estado. Isso mostra como os impactos da pandemia de Covid-19 devastam a vida das mulheres, seja pelos riscos do isolamento social, seja pelo duro retorno à normalidade diante do crescimento da feminização da pobreza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos dados estatísticos sobre os casos de violência contra mulheres no Brasil e em Goiás, a partir do referencial teórico construído, foi possível constatar os impactos da pandemia de Covid-19 no aumento do número de casos, tendo em vista as consequências do isolamento social para mulheres vítimas de violência, bem como o agravamento do processo de feminização da pobreza.

Diante disso, a pandemia – e suas consequências – representam um grande desafio à luta feminista em defesa dos direitos e da vida das mulheres. Considerando o contínuo crescimento dos casos e mortes por violência contra mulheres, estudos na área são necessários para contribuir na produção de políticas públicas para mulheres no estado de Goiás.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>>. Acesso em: 12 mai. 2022.

CAVALCANTE, João Roberto et al. COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 4 Disponível em: <<https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000400010>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

COSTA, Carmem Lúcia. Feminismos, pandemia e trabalho: Reflexões sobre o cotidiano de mulheres no Brasil em tempos de Covid-19. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 17, n. 32, p. 309–324, 2021. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12476>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

COSTA, Carmem Lúcia; OLIVEIRA, Lorena de. Violência doméstica e COVID-19: como proteger a mulher do próprio lar? In: \_\_\_\_\_. **Estudos de gênero e feminismos na sociedade contemporânea: diálogos jurídicos**. Organização DIOTTO, Nariel et al., Editora Ilustração, 2020. p. 105- 122.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, Renata W. G.; SILVA, Janaína C.; SOUZA, Tatiana M. C.; COSTA, Carmem L. A escuta do sofrimento psíquico na Pandemia da Covid-19. *Jornal Opção*, Goiânia - GO, p. 01 - 01, 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/a-escuta-do-sofrimento-psiquico-na-pandemia-da-covid-19-244260/>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019**. São Paulo: FBSP, 2019. Disponível em: <[http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Anuario-2019-FINAL\\_21.10.19.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020**. São Paulo: FBSP, 2020. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario-2020-final-100221.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. **Atlas da Violência**, São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/atlas--violencia-2021-v7.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Mulheres dedicam mais horas aos afazeres domésticos e cuidado de pessoas, mesmo em situações ocupacionais iguais a dos homens**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24266-mulheres-dedicam-mais-horas-aos-afazeres-domesticos-e-cuidado-de-pessoas-mesmo-em-situacoes-ocupacionais-iguais-a-dos-homens>>. Acesso em: 08 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional de Saúde 2019:** acidentes, violências, doenças transmissíveis, atividade sexual, características do trabalho e apoio social. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101800.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2022.

LEWIS, Helen. O coronavírus é um desastre para o feminismo. (2020) **Catarinas**. Disponível em: <<https://catarinas.info/o-coronavirus-e-um-desastre-para-o-feminismo/>>. Acesso em: 20 jan. de 2022.

ONU MULHERES. **Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe: Dimensões de Gênero na resposta**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <[http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19\\_LAC.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero patriarcado violência**. 2ª. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE GOIÁS – SSP-GO. **Estatísticas**. Disponível em: < <https://www.seguranca.go.gov.br/estatisticas>>. Acesso em: 8 abr. 2022.